

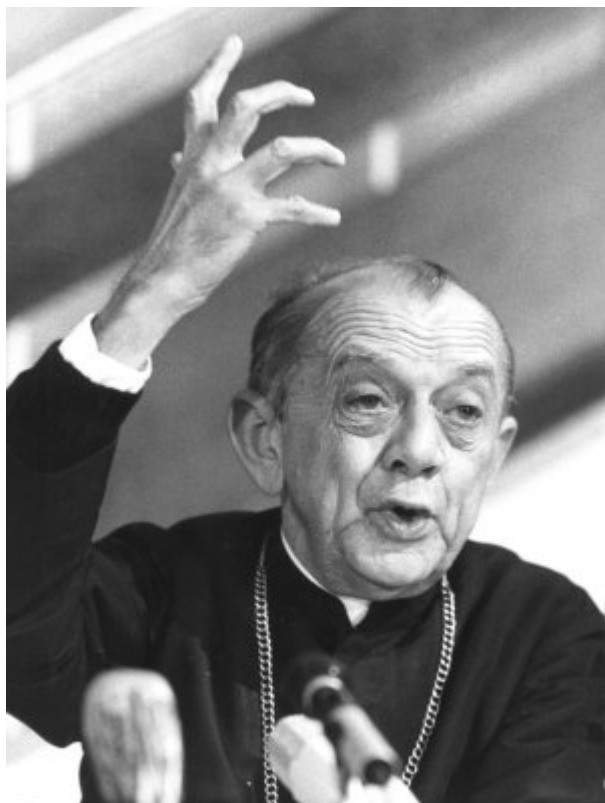
Dom Helder e o Prêmio Nobel da Paz

Dom Helder e o Prêmio Nobel da Paz 29 de Abril de 2016 , 5:59

Atualizado em 01 de Maio de 2016 , 5:57

A conspiração contra Dom Helder.

Documentação comprova a articulação que houve para evitar que religioso recebesse o Prêmio Nobel da Paz. A Comissão da Verdade de Pernambuco comprovou, por meio de documentos inéditos, que o regime militar (1964-1985) impediu que o então arcebispo de Olinda e Recife dom Helder Camara (1909-1999) recebesse em quatro ocasiões o Prêmio Nobel da Paz, entre os anos de 1970 a 1974.



Em solenidade no Palácio do Campo das Princesas, o colegiado apresentou mais um volume dos Cadernos da Memória e Verdade, que revela os bastidores do Ministério das Relações Exteriores no período que o país era presidido pelo general Garrastazu Médici (1905-1985). Para minar a influência do religioso referência nos direitos humanos, embaixadores e até membros da própria igreja ajudaram a coagir o governo da Noruega a inviabilizar o recebimento de um título considerado vitrine internacional.

Nos documentos revelados, chama a atenção um dossiê sugerido pelo empresário Tore Albert Munck, presidente da Munck do Brasil, e do então embaixador do Brasil em Londres, Roberto Campos, em 1971. Os dois sugeriram ao embaixador brasileiro em Oslo um dossiê produzido pelo religioso belga Felix Andrew Morlion. O estudo associava o religioso a um movimento “anti capitalista” em movimento. “É diferente do movimento marxista e maoísta, uma vez que não tem traços materialistas, mas canaliza a ação política em energias e sentimentos profundamente cristãos”, diz um trecho do *The Political Dialectic of Dom Helder Camara*. Para pressionar empresários e convencer a Fundação Nobel, o governo militar queria associar o arcebispo ao socialismo.

Tanto é que, desde 1970, há registros de reuniões no Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, em que generais sentam à mesa ao lado de diretores de empresas como Volvo, Scania, Vabis, Ericson, Facit e Nokia pedindo apoio para entrar na campanha contra dom Helder. A ameaça era a seguinte: caso não apoiassem o governo brasileiro, essas empresas teriam restrições no Brasil, inclusive, seriam ameaçadas com o bloqueio das remessas dos lucros no país. A Comissão da Verdade, no entanto, não deve pedir reparação ao estado nem às empresas sobre o fato. Diz que esse é um papel da sociedade civil. De qualquer forma, o atual arcebispo de Olinda e Recife, dom Fernando Saburido, diz que o dossiê será enviado como complemento no processo de canonização de Camara.

Apesar da atualidade, o assunto da interferência do regime militar já era de conhecimento público. Livros de memórias de embaixadores, como o diplomata brasileiro Vasco Mariz, citavam reuniões em que em que o governo pressionava essas empresas. A questão é que tudo não passava de relatos orais, sem comprovação documental. Diferentemente do anúncio de ontem. “Agora temos uma comprovação material dessa interferência, mostrando todas as frentes dessa perseguição”, disse o coordenador da Comissão da Verdade, Fernando Coelho.

Saiba mais

Trechos do dossiê que apontam a interferência do estado sobre a indicação de dom Helder Camara

Vasco Mariz

Chefe do Departamento Cultural do Itamaraty 1970

Foram convocados os presidentes e diretores de todas as empresas escandinavas no Brasil, como Volvo, a Scania, Vabis, Ericson, a Facit, a Nokia e outras menores, e lhes foi solicitado que interviessem na Fundação Nobel para evitar a concessão do Prêmio Nobel a dom Helder Camara. Todos lamentam não poder intervir no caso até o oficial general que presidia a reunião deu um murro na mesa e anunciou: ‘se os senhores não intervierem com firmeza, suas empresas no Brasil não poderão remeter um centavo de lucros para as respectivas matrizes’”

Jayme de Souza Gomes

Embaixador do Brasil em Oslo 1971

De fato, o Brasil é o país estrangeiro em que a Noruega investiu maiores capitais através do projeto Borregaard. Deve-se considerar, ainda, que dois membros da Comissão Nobel são parlamentares que votaram a favor dessa garantia e, ter, por fim, em vista que é ponto pacífico a defesa desses capitais investidos no Brasil. Uma personalidade esquerdizante (no caso, dom Helder), que ataca substancialmente o regime capitalista, caso se projete universalmente através da obtenção do Nobel, poderá concorrer para a formação de um ambiente político-social que venha a por em risco os capitais estrangeiros”

Resposta da Embaixada do Vaticano

Monografia produzida por Felix Morlion 1971

Fui informado que padre Felix André Morlion nega a existência da mencionada monografia (sobre as fragilidade de dom Helder). Consegui averiguar que ele está organizando no maior sigilo um estudo sobre dom Helder, cuja essência e finalidade, devido ao caráter sigiloso, não foi possível desvendar. Posso assegurar que padre Morlion não desfruta de bom conceito em esferas responsáveis do Vaticano, pois, segundo mosenhor Benelli, me confiou em caráter pessoal, trata-se de um imaturo, adjetivo esse que, dentro do contexto como foi empregado tem o sentido de irresponsável”.

Jayme de Souza Gomes

Correspondência Embaixada em Oslo 1972

Acredito que a ação desta embaixada terá que limitar-se, este ano, ao atento acompanhamento do desenrolar dos acontecimentos ligados à escolha do Prêmio Nobel da Paz de 1972, na esperança de que seus esforços, empreendidos nos anos de 1970 e 1971, ainda sejam capazes de deter, ou pelo menos minorar, a pertinaz campanha dos adeptos de Dom Helder Câmara neste país e no exterior, que não se deixarão abater enquanto o arcebispo de Olinda e Recife não receber a glória de ser, por fim, um galardoado com o Prêmio Nobel da Paz”

Dom Helder Câmara

Entrevista a uma TV do Canadá 1970

A última pergunta que me fizeram foi uma surpresa para mim: ‘Que fará o senhor com o dinheiro do prêmio Nobel de 1970? Sim, porque esperamos o prêmio seja seu’. Na sala em que me fizeram esta pergunta havia um retrato de King (Martin Luther). Disse, olhando para ele: Ele, sim, mereceu o Nobel. Por enquanto, tenho só boa vontade, desejo imenso de ajudar a salvar o mundo da violência armada e do ódio. Não creio que ganhe o prêmio. Se ele me viesse às mãos, muito mais importante do que o dinheiro seria o reforço moral para enfrentar os que me julgam subversivo e comunista”

[Enviar para impressão](#)